

Livrarias de rua de BH desafiam mercado virtual e mostram resistência

Na era em que o comércio eletrônico e as corporações gigantes dominam o mercado de livros, lojas que privilegiam o contato direto com o leitor e oferecem espaço para leitura e contato com autores encontram seu espaço em BH. Modelo inclui aposta em catálogo para públicos com interesses específicos, como a psicanálise

por Pedro Cavale
25/07/2019 08:00



(foto: Leandro Cauri/EM/GA.Press)

“Mesmo quem tem um kindle ainda vem à livraria. Estamos em um momento de voltar a valorizar as coisas da rua, senão as pessoas só ficam em casa. A livraria, assim como a padaria do bairro, está voltando a ter importância”

Alencar Perdigão, proprietário da Quixote

As pessoas hoje ficam muito dentro de casa, com seus sensores desligados. A livraria da Rua veio para abrir um espaço de convivência e ativar esses sensores por meio da arte e da literatura”

Alexandre Machado, proprietário da Livraria da Rua

EDIÇÃO Aliar as atividades de edição e venda de livros também é característica da Scriptum, que milita nas duas frentes praticamente desde de que abriu as portas, há 18 anos. A iniciativa foi de Welbert Belfort, que tinha experiência na produção de eventos culturais e em trabalho em livrarias, antes de juntar um acervo e montar o próprio negócio. Ele conta que a proposta inicial era uma loja voltada para o gênero da psicanálise, mas logo ampliou o leque, sem abrir mão de privilegiar publicações mais artísticas e independentes.

“Quando a Scriptum virou também uma editora, em 2002, comecei a ter um alcance além de BH. Isso me aproximou de autores de outros lugares e pude criar um acervo que me permitiu não ter que concorrer com grandes redes de livrarias. Lá, eles colocam na prateleira e pronto. Nós precisamos fazer um recorte do que queremos ter e estabelecer uma boa relação de informação com os clientes, saber indicar, falar de novidades”, diz Belfort.

Enquanto a lista de mais vendidos do ano no Brasil pela Amazon tem no topo Do mil ao milhão sem cortar o cafezinho, de Thiago Nigro (Harper Collins, 192 págs.), seguido de O milagre da manhã, de Hal Elrod (BestSeller, 196 págs.), e A sutil arte de ligar o foda-se, de Mark Manson (Intrínseca, 224 págs.), que por sua vez lidera o ranking anual nacional do site Publishnews, os melhores números da livraria Scriptum passam longe dos títulos superpopulares de autoajuda e finanças. A maior vendagem na loja neste ano até agora foi a edição bilingue de O Infamiliar (Das Unheimliche), de Sigmund Freud (Autêntica, 288 págs.). Também da área da psicanálise, Feminismo é feminino? (Annablume, 204 págs.), da mineira Máira Marcondes Moreira, aparece em segundo, e a edição feita pela Tipografia do Zé, projeto artístico do tipógrafo Flávio Vignoli, de Poemas para meu pensamento, de Verso Casanova, em terceiro.

“Não colocamos os grandes best-sellers. Isso as grandes redes já fazem, numa lógica de descontos proporcionados pelas editoras. Eles dão prioridade a livros de linguagem fácil, rápida, pensando em quantidade, e rejeitam os livros de recortes mais temáticos, que são esses com os quais procuramos trabalhar”, afirma Welbert. Ele destaca que a Scriptum mantém uma boa relação com um público interessado nas novidades e produtos de sua livraria, mas lamenta “a falta de uma relação cultural com o livro em grande escala no Brasil”. “Infelizmente, aqui esse hábito de ir até a livraria é muito pequeno se comparado à Argentina, por exemplo. A questão cultural em torno disso foi largada: entrou o e-book, o comércio virtual e calamos na massificação do livro, assim como no caso da música e do cinema”, avalia.

DESCONTOS O vizinho de rua, Alencar Perdigão, da Quixote, entende que a lógica comercial agressiva adotada por editoras, de vender diretamente ao público pela internet com grandes descontos, é nociva até mesmo para as grandes franquias e, consequentemente, para as próprias empresas que publicam os livros. “A livraria é a vitrine. Sem ela, o público não conhece coisas novas e a editora não tem para quem vender”. Mistro de livraria e café, o negócio foi aberto há 16 anos na Savassi, e tem uma segunda unidade no campus Pampulha da UFMG.

Defensor da “cadeia produtiva do livro” Perdigão vê a necessidade de uma política de proteção ao produto. “Lutamos pela lei do preço fixo, que existe em outros países e aqui nunca avançou. Com ela, um livro teria o mesmo valor mínimo em qualquer lugar durante um ano, porque até lojas focadas em eletrodomésticos vendem livros com 40%, 50% de desconto em seus sites, apenas para servir de isca para clientes, pensando em vender outros produtos. Isso prejudica toda uma cadeia”, afirma o livreiro, que também une sua editora (Quixote - Do Associadas) à loja.

Dificuldades à parte, Perdigão acredita na prosperidade de negócios como o dele e das outras livrarias, com quem diz ter uma ótima relação, a ponto de organizar o Festival Livro na Rua, em parceria com a Scriptum, na Fernandes Tourinho, cuja próxima edição está agendada para agosto. “Mesmo quem tem um kindle ainda vem à livraria. Estamos em um momento de voltar a valorizar as coisas da rua, senão as pessoas só ficam em casa. A livraria, assim como a padaria do bairro, está voltando a ter importância.”

Embora ofereça um serviço de café, onde, segundo ele, o público pode “passar um tempo, tomar uma cerveja, ler um livro ou fazer uma reunião”, Perdigão afirma que a principal fonte de renda vem do livro. Neste ano, o título que mais impulsionou as receitas foi Tudo é rio, de Clara Madeira, lançado pela própria Quixote-Do (212 págs.). “O maior diferencial que temos é gostar do que fazemos. A gente não escolhe trabalhar com livro porque é o melhor negócio do mundo, mas sempre trabalhei com isso e gosto do que faço. Fiz faculdade de letras e trabalhei em outras livrarias. Aqui todos os funcionários seguem esse perfil, conhecem a mercadoria, sabem indicar.”

Os livreiros desse corredor informal sonham em vê-lo oficializado, “como um circuito turístico da Prefeitura, com apoio e divulgação”, diz Perdigão.

ABERTAS

Confira endereços e horários de funcionamento de livrarias de rua de BH

>>> Quixote

R. Fernandes Tourinho, 274, Funcionários. De segunda a sexta-feira, das 9h às 20h; sábado, das 9h às 16h. (31) 3227-3077.

<https://www.quixote-do.com.br/>

>>> Scriptum

Rua Fernandes Tourinho, 99, Funcionários. (31) 3223-1789 De segunda a sexta-feira, das 9h às 20h; sábado, das 9h às 15h <https://livrariascriptum.com.br/>

>>> Livraria da Rua

Rua Antônio de Albuquerque, 913, Funcionários. (31) 3500-6750. De segunda a sexta-feira, das 10h às 19h; sábado, das 10h às 16h.

>>> Livraria Ouvidor – Funcionários

Rua Fernandes Tourinho, 253, Savassi. De segunda a sexta-feira, das 9h às 19h; sábado, das 9h às 14h. (31) 3221-7473 www.livrariaouvidor.com.br

>>> Livraria Ouvidor – Floresta

Rua Itajubá, 416, Floresta. (31) 3212-4976 De segunda a sexta-feira, das 9h às 19h; sábado, das 19h às 13h.

BOM DIA, 10 DE ABRIL DE 2020

Encontre sua notícia

PRIMEIRO PLANO | HORIZONTES | EDITAIS | ESPORTES | ALMANAQUE | OPINIÃO | MAIS | PÓDIO

Resistentes ao tempo, profissionais lutam pelo livro em um mundo de telas

César Augusto Alves - Hoje em Dia

25/07/2019 - 07h11 - Atualizada 09h02

Compartilhe



Imagine a seguinte situação: ao procurar por um exemplar da obra “Cederno de Poesias” (Ed. UFMG, 2015) em uma grande rede de livrarias, um vendedor dispara a desconcertante pergunta: “É nacional?”. O livro em questão foi lançado recentemente por uma das principais cantoras do país: Maria Bethânia - que tem, como marca registrada, o hábito de intercalar poesia e música em suas apresentações. Casos como esse exibem uma fragil estrutural do mercado editorial, hoje dominado pela internet e grandes lojas, e mostram o incerto futuro do ofício do livreiro profissional.

Enfrentando esse movimento, Belo Horizonte se estabeleceu hoje em primeiro lugar, no Brasil, no ranking de número de livrarias por habitante: são 13.840 belo-horizontinos por estabelecimento. A média recomendada pela Unesco é de uma livraria a cada dez mil habitantes. Recentemente ao tempo, a Livraria Van Damme, no centro da capital, está no mercado há cinco décadas com um personagem já famoso no comando: Johan Van Damme, um senhor belga que chegou por aqui há 51 anos.

Van Damme é conhecido pelo número impressionante – já leu mais de 4.000 livros – e pela estante que orienta na livraria com 90 indicações, um dos pontos de atração que cativa os mais de 12 mil clientes. “Luto em média com páginas por dia, dois livros por semana. Para ter livro, tem que gostar de ler”, afirma.

Aplaudo surgiu da primeira profissão, pouco tempo depois de chegar ao Brasil: venda assistida de revistas estrangeiras. “No início não gostava de ler, a demanda me fez ser livreiro”, diz Van Damme, que acredita não existir um ponto final para a profissão. “Não entio que o livreiro esteja em extinção. É apenas uma fase de transição. Se a pessoa gosta de ler e tem uma clientela aberta ao que você lê, mantemos um trânsito muito bom como livreiro”.

Os novos profissionais, garante, a paixão é fundamental. “Sugiro que a pessoa seja balconista de livraria por um ano. Virar se é gratificante ou magoante. Só aí deve decidir”. Com seu leito tímido e acolhedor, aos poucos nos leva ao seu universo e desperta ainda mais o desejo de “clavar” novos títulos. “Isso aqui me dá vida. As pessoas se apaixonam pra fazer o que gostam. Eu já faço o que gosto”.

Lei do Preço Fixo afasta crise

O livro eletrônico, apontado por muitos como o grande vilão das livrarias, passa longe de ser o pesadelo dos livreiros. Pelo contrário, veio para não ir, pois não concorre com eles. As pessoas sabem: impresso ou digital, o livro é a palavra. A livraria Ana de Paiva, localizada na Santa Efigênia, O discurso dire é unânime ao de outros profissionais do ramo ouvindo pelo Hoje em Dia. Para eles, não passou de uma fase já superada pelo mercado consumidor.

A maior dificuldade encontrada – além da concorrência com as grandes redes de livrarias – é a venda de livros pela internet. “Isso é algo que ainda me tira o sono”, relembra Alencar Perdigão, proprietário da livraria Quixote, na Savassi. “As pessoas vendem diretamente para o cliente, com preço melhor do que para o livreiro. A prática tem que acabar”, desabafa.

Uma das soluções seria a aprovação da Lei do Preço Fixo – que já existe em países como a França. Com a aprovação da lei, o mercado trabalharia com valores uniformes. Alencar, que também assume a vice-presidência da Câmara Mineira do Livro, luta pela aprovação.

Quanto ao fim da profissão, se Van Damme acredita que não chegará a este ponto, Perdigão acha possível. “Hoje, para sobreviver, uma livraria tem que ser também um café, algo além. A profissão do livreiro mudou”, já Avare, que atua no ramo há 21 anos, acredita que, ainda que tenha um público pequeno, ele vai sempre existir. “É possível que breje e extingua. Vou minguar, mas o público se renova. Minha experiência é essa”, afirma.

Número de leitores cresce continuamente

Os bons números de Belo Horizonte são sentidos pelos profissionais, que apontam existir um grande público leitor na capital. “É a cidade que mais lê”, garante Van Damme. Para Perdigão, a livraria é, ainda, um grande incentivador da leitura. “A condição do livreiro vende muito, sinal os belo-horizontinos”, diz.

De acordo com os entrevistados, a quantidade de leitores na capital é expressiva, e continua a crescer. Motivações à parte, o que importa, de fato, é o interesse pelo livro. “O interesse cresceu, mas massificou”, conta Avare. “Temos uma literatura muito comercial, instantânea. Ela para o objeto livro, para interesse em livro. Com um pouquinho de cinema, a gente espera que esses leitores possam um dia evoluir para uma literatura mais sofisticada”, destaca Alencar.

pampulha
revista de literatura e cultura

Home Estilo Turismo Almanaque Habitat Busca

Livreiros seguem firmes no complicado cenário de livrarias de BH

Eles são obstinados no intuito de formar leitores, numa prática que envolve, sobretudo, o público

Alencar Perdigão, do Quixote, é um dos que advogam a causa de incentivo à leitura em Belo Horizonte
Foto: Denilson Biaz/O Tempo

LISTA NA MÃO: cliente
Foto: Denilson Biaz/O Tempo

PUBLICADO EM 11/01/2020

PATRICIA CASSESE

A escolha da data homenageia Castro Alves (1847- 1871), lembrando o dia em que o poeta baiano nasceu. Ainda que pouco divulgado, o 14 de março é o Dia do Livro, data em que um texto de outro autor, Monteiro Lobato, costuma ser lembrado, por conta de trechos como: "O livro vende a sério mais difícil de vender-se. Qualquer outro lhe daria maiores lucros: ele o sabe e heroicamente permanece livreiro". Lobato foi além: para ele, suprimido o livreiro, estaria morto o livro. E diante desse fato, segue, retrocederíamos "à lenda da Pedra".

Verdadeiros heróis da resistência, eles seguem firmes no complicado cenário das livrarias de rua da capital mineira, que vem sofrendo alguns baques nos últimos anos. A começar do fechamento de pontos icônicos, como a Mineiriana, Livraria da Traveira, Café Book, Floriano, Status e, mais recentemente, a Van Dienne – pontuando-se que o encerrar de atividades, em alguns dos casos citados, não se deu em função da crise econômica, mas por outras questões.

Leitores vorazes

Sim, ler muito, assiduamente, é outra característica inerente ao livreiro. Simone costuma dar atenção especial aos contemporâneos, como Gonçalo M. Tavares, Ian McEwan e Michel Houellebecq, ou aos brasileiros Ana Martins Marques e Daniel Galera. Dos ditos "fenômenos", avalia a italiana Elena Ferrante, mas não especificamente a célebre tetralogia "Série Napolitana", e sim "Os Dias do Abandono" e "A Filha Perdida". "Que escrita envolvente! Nunca vi, na literatura, algo tão impactante quanto o que ela fala da maternidade". Vale lembrar que Ferrante é, na verdade, um pseudônimo. A identidade da autora é guardada a sete chaves – especula-se que seja a tradutora Anita Raja.

Junto ao público

Se amar os livros é premissa, tão importante quanto, para um livreiro, é gostar do contato com o público. Quando ainda era estudante de Letras, Alencar Perdigão, aventava trabalhar numa loja de discos ou numa livraria. "Olha o meu romantismo", divertia-se ele, hoje. Quis o destino que a segunda opção fosse a selecionada. Após labutar em livrarias como a Ovidor e a extinta (em BH) LetraViva, Alencar passava pela Savassi quando, na rua Fernandes Tourinho, viu uma placa anunciando um imóvel. Não tirou o olho e veio a Quixote, hoje um dos pontos que movimentam a região, principalmente nas manhãs de sábado, quando várias pessoas cumprem um périplo nos lançamentos de livros que acontecem também na Ovidor e na Scriptum.

A teoria tem a anuência de Alencar: "As livrarias de rua acabam sendo um ponto de encontro de pessoas que sentem prazer em estar entre livros para conversar sobre livros – e por vezes, saboreando um café".

Faz prole de manter o livro vivo

O fato de estarmos vivendo uma crise econômica de grandes proporções aliado ao de a Amazon ter passado a operar no Brasil, claro, impactou a venda de livros em todo o país – inclusive nas chamadas livrarias de shopping. Recentemente, a rede francesa Fnac – que tem uma filial na capital mineira, no BH Shopping – declarou que está à procura de uma parceria para poder permanecer em terras brasileiras.

Para fazer frente às dificuldades de manter uma livraria de rua nos dias atuais, Welbert Belfort – livreiro há 22 anos, 20 desses à frente da livraria e editora Scriptum – investe em outros braços, como a venda para fora de Minas Gerais, via Facebook – ele chegou a tentar uma parceria para venda online em site, mas a empresa à qual se associou acabou não se revelando uma boa opção.

"Sou de rua, mas tento conjugar a venda de livros aqui, na livraria, a outras iniciativas e ações. Temos uma clientela grande fora de BH, interessada, por exemplo, em títulos de áreas como a psicanálise", explica. A poesia foi outro nicho no qual Betinho (como é conhecido) investiu pesado, por meio de nomes como Ana Martins Marques e Simone de Andrade Neves. Sem nunca ter tido patrocínio, ele também levou à sua loja física nomes brasileiros da poesia brasileira, como Chacal. Não bastasse, chancelou, por meio da editora, a estreia de nomes como Jacques Fux e Carlos de Brito e Mello, hoje talentos reconhecidos.

Escritores, editores e livreiros se unem em campanhas em defesa do livro

Com o mercado editorial ameaçado pela crise econômica, profissionais têm o objetivo de convencer o brasileiro a dar livros de presente neste Natal

por Natália Faria
05/12/2019 09:30



Alencar Perdigão, dono da livraria Quixote, sai em defesa das pequenas livrarias (foto: Alexandre Dourado/EM/DA Press)

"Presentear com livros hoje representa não só a valorização de um instrumento fundamental da sociedade para lutar por um mundo mais justo como a sobrevivência de um pequeno editor ou o emprego de um bom funcionário em uma editora de porte maior, representa uma grande ajuda à continuidade de muitas livrarias e um pequeno ato de amor a quem tanto nos deu, desde cedo: o livro."

Essas palavras de Luiz Schwartz, presidente da Companhia das Letras, encamam sua Carta de Amor aos Livros, publicada no blog da empresa. Ele relata as dificuldades do mercado editorial neste momento de crise, em que as duas maiores redes de livrarias do país – Saraiva e Cultura – solicitaram recuperação judicial.

Diante desse impasse, editores, livrarias, profissionais do setor e escritores se mobilizam em campanhas com o objetivo de convencer o brasileiro a dar livros de presente neste Natal.

Boulevard, o cliente é convidado a declarar seu amor pelos livros em um painel de post-its. No Facebook, é possível aplicar a hashtag na foto de perfil.

"A venda cresceu em 2018, mas o prejuízo em anos anteriores deixou algumas livrarias endividadas. O panorama prejudica as editoras, principais credoras das grandes lojas, que deixam de receber boa parte de seu faturamento", explica Marcus Teles, presidente da rede mineira Leitura. A empresa apoia a campanha #VemPraLivraria, que mobiliza lojas e a Associação Nacional de Livrarias (ANL). Nas unidades da Leitura dos shoppings Cidade e

Por sua vez, a campanha #LivroDePresente ganhou o apoio de vários escritores. Já a #LivroÉNaLivraria quer atrair leitores para as lojas físicas, diante da concorrência on-line. "Ir à livraria é um ato de lazer, um momento prazeroso para o público infantil. Com frequência, vemos crianças puxando os pais para dentro das lojas", diz Marcus Teles, da rede Leitura.

A criança, aliás, foi importante para o faturamento em 2018. "Nas últimas duas décadas, com a 'geração Harry Potter', houve crescimento contínuo na formação de leitores. Antes, crianças e adolescentes iam apenas obrigados pela escola. Hoje, seguem indicações recebidas pela internet", analisa Teles. Na seara infantojuvenil, ele destaca dois fenômenos: a série norte-americana Diário de um Banana, de Jeff Kinney, e As Aventuras na Netoland, do youtuber brasileiro Lucas Neto.

"A área que mais cresceu foi a de não ficção, enquanto os anos anteriores eram puxados pela literatura estrangeira", observa o dono da Leitura. Poesia que transforma, de Bráulio Bessa – conhecido por suas participações no Encontro com Fátima Bernardes, da TV Globo –, é sucesso de vendas, observa. Publicações de autoajuda, negócios, história e biografias também tiveram destaque nos últimos meses.

O período eleitoral impulsionou a venda de títulos. Há procura de livros de Olavo de Carvalho, apoiador do presidente eleito Jair Bolsonaro (PSL), autor de O Imbecil coletivo (1996) e O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota (2013). Filósofos também figuram entre os mais lidos do ano – Mário Sérgio Cortella, Leandro Karnal e Luiz Felipe Pondé, entre eles. "Esses autores conseguiram expor seu pensamento com uma linguagem fácil. Foi uma surpresa que a filosofia tenha se tornado best-seller este ano", comenta Teles.

DELICADO

"É um momento delicado, de crise das duas maiores redes de livrarias, que representam um percentual expressivo de nossas vendas", afirma Judith de Almeida, gerente de varejo do grupo editorial Autêntica, criado em BH. A companhia busca oferecer vantagens às lojas revendedoras, realocando parte do que era fornecido à Cultura e à Saraiva.

De acordo com Judith, a crise atinge determinadas empresas, mas não se configura como problema relativo à venda de livros. Do catálogo da Autêntica, ela destaca dois lançamentos que podem agradar no Natal: Um banquete para Hitler, de V. S. Alexander, e o primeiro volume da série Ousadas, que reúne perfis de mulheres revolucionárias quando ainda não se falava de feminismo.

DISPARIDADES

Pequenas livrarias foram afetadas pelos problemas das gigantes do mercado. "Grandes editoras já anunciaram que vão segurar livros com vendas mais demoradas, que não são best-sellers. Essas publicações são justamente o nosso foco", diz Alencar Perdigão, dono da Livraria Quixote, instalada na Savassi. "É hora de as editoras enxergarem que precisam das livrarias menores, de rua. Elas não podem dar atenção apenas às grandes redes", defende.

Alencar critica a "concorrência desleal" das editoras na internet, oferecendo títulos com descontos de até 40%. "É preciso respeitar a cadeia do livro, que passa por autor, editora, distribuidora e livraria até chegar ao leitor. Ao oferecer descontos em seus sites, as editoras matam esse sistema", reclama.

A Quixote investe em suas próprias publicações. Em 2018, as principais apostas foram bem-sucedidas. As horas esquecidas, do jornalista mineiro Chico Mendonça, concorreu ao Jabuti. O romance Tudo é rio, de Carla Madeira, foi bem recebido, lembra Alencar.

Maira Nassif, proprietária da editora mineira Relicário, resalta a importância do livreiro, profissional negligenciado por grandes redes. "Talvez este seja o momento para uma reflexão necessária. O leitor mais exigente sempre procura por uma livraria que lhe dê maior suporte e não priorize outros produtos em detrimento do livro", diz Maira.

A dona da Relicário recomenda livros de poesia para este Natal. "É um gênero que tira a linguagem de sua função utilitária e meramente comunicativa e revela o caráter criativo. São leituras que fruem bem e nos fazem descolar", defende.